“NÃO VOU SER SEMENTE COM SANGUE ESCORRENDO NA TERRA”: AS NARRATIVAS POÉTICAS DAS JOVENS ESCRITORAS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR[1]

Marina Lima de Souza[2]

RESUMO

Esta pesquisa é o resultado da conclusão da Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O tema aqui desenvolvido é uma extensão da finalização do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, no ano de 2021, na mesma instituição. O que era um projeto de pesquisa transformou-se em artigo com o principal objetivo de analisar o trabalho das escritoras: Aline Oliveira, Fabrícia de Jesus, Maiara Cerqueira, Morganna Lôbo e Udi Santos, oriundas de determinadas localidades do Subúrbio Ferroviário de Salvador e a relação de suas escritas com o território. Também como pesquisadora-sujeito, incluo minha escrita a partir do lugar de escritora e poeta suburbana, pertencente a este mesmo território-campo da pesquisa.

Palavras-chave: escritoras negras - Subúrbio Ferroviário (Salvador, BA); literatura afro-brasileira; negras na literatura; poesia brasileira - escritores negros.

ABSTRACT

This research is the result of the completion of the Bachelor's degree in Social Sciences at the University of Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The theme developed here is an extension of the completion of the Interdisciplinary Bachelor's degree in Humanities in the year 2021, at the same institution. What started as a research project has evolved into an article with the main objective of analyzing the work of writers: Aline Santos, Fabrícia de Jesus, Maiara Cerqueira, Morganna Lôbo, and Udi Santos, who come from specific locations in the Subúrbio Ferroviário of Salvador, and the relationship of their writings with the territory. Also, as a researcher-subject, I include my writing from the perspective of a suburban writer and poet, belonging to the same territory-field of research.

Keywords: Afro-Brazilian literature; black women in literature; Brazilian poetry - black writers; black women writers - Subúrbio Ferroviário (Salvador, BA).

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

[2] Bacharela em Humanidades e graduanda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 ESCRITORA, POETA E SUBURBANA: PRAZER, MEU NOME É MARINA LIMA

Trazer na voz e no corpo tantas significações, é preciso dar nome às coisas que estão dentro de nós. Comecei a escrever aos 16 anos de idade, ainda no Ensino Médio, no Colégio Estadual Almirante Barroso, no bairro de Paripe, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Era uma adolescente muito tímida com dificuldades de falar em público, quase balbuciava as palavras, tinha muito medo de me expressar. Com isso, ser uma escritora nunca esteve nos meus planos, tanto que ainda é estranho, dizer: "Eu sou uma escritora", mas assim como a escritora norte-americana Audre Lorde, afirmo: escrever nunca foi um luxo.

> Para as mulheres, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital de nossa existência. Ela dá forma à qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e à mudança, primeiro transformadora da linguagem, depois em ideia, então em ação mais tangível. A poesia é a maneira pela qual ajudamos a dar nome ao inominado, para que possa ser pensado. Os horizontes mais longínquos de nossas esperanças e medos são calçados por nossos poemas, esculpidos na aventura pedregosa de nossas vidas diárias (Lorde, 2019, p. 66).

Ou seja, a poesia é elemento fundamental de sobrevivência e resistência. É nela que encontramos forças para ressignificar o cotidiano, sobretudo as mulheres que vivem à margem de um sistema excludente. Por isso, para evidenciar ainda mais a importância da escrita, destaco um trecho da entrevista da escritora Conceição Evaristo ao Programa Plural da TV Brasil, em que a autora descreve o processo de escrita como o "ato de acordar a casa grande dos seus sonhos injustos". Vale observar que a escrita, do ponto de vista da escrevivência de Evaristo, não acontece de forma individual, mas na coletividade. É, portanto, um movimento de tirar seus algozes do seu lugar de conforto.

Por muito tempo tive dificuldade em me reconhecer nesse lugar, este que quase não me foi apresentado. Cresci sem referências de autoras negras, sou de uma família de não leitoras e coloco no feminino por ter sido criada por mulheres que não tiveram a oportunidade de estudar, pois precisaram trabalhar muito cedo, embora a oralidade, a partir das histórias da minha vó, sempre esteve presente no meu cotidiano enquanto criança negra. Percebo depois de anos que meu amor à palavra é o resultado de muitas noites regadas à história.

Conforme Leda Martins (2003):

> Minha hipótese é a de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos

> adereços que performativamente o recobrem. Nesse sentido, o que no corpo se repete não repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico e tecnológico, etc. (Martins, 2003, p. 66).

O corpo-performance na oralitura, é a representação de diversos conhecimentos, fundamentado em ações repetitivas, mas não como hábito, e sim uma performatividade, assim como nas histórias contada por minha avó, mulher analfabeta que através da oralidade, fez um lugar de memória.

Neste ponto evoco a escritora norte-americana Nayyirah Waheed (2013) que questiona: "qual a necessidade de uma criança negra ser tão embriagada de brancura". Fui ensinada a partir de uma história no qual não me espelho, mas na transição da adolescência para a vida adulta fui me inspirando em escritoras como Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Lívia Natália, Miriam Alves, Cristiane Sobral, entre outras.

Assim, a partir dessas concepções, como aporte teórico da pesquisa, me utilizo de conceitos-chave como o de Escrevivência, de Conceição Evaristo (2007); a relação do conceito de quilombismo (NASCIMENTO, 2019) e os saraus de Salvador apresentada por Jamile Santana, Rool Cerqueira, Valdeck Almeida de Jesus e Carlos Bonfim (2019); a noção de território para Milton Santos (2005) e o entendimento de Letramento de Reexistência, de Ana Lúcia Souza (2011).

2 "E O SUBÚRBIO NEM ENTRA NO MAPA, NÉ?"

Para compreensão deste trabalho, é importante entender que o Subúrbio Ferroviário de Salvador engloba 22 bairros, embora sejam divididos em sub-bairros. Um exemplo disso é o bairro Paripe que inclui Tubarão, Cocisa, São Tomé de Paripe, entre outros. É um território que perpassa por violências cotidianas e esquecimento pelo poder público, entretanto, com uma dinâmica totalmente diferente dos grandes centros, sendo perceptível uma humanização nas trocas, sejam elas com familiares ou moradores.

Segundo Soares (2016, p.119):

> O Subúrbio Ferroviário compõe um dos maiores territórios de pobreza de Salvador tem aproximadamente 500 mil habitantes, de acordo com o último censo do IBGE, em sua maioria negros, pobres e com baixa escolaridade, vítimas dos maiores índices da violência urbana do contexto metropolitano. Nesta área há predominância de habitações precárias e deficientes, com aglomerados de barracos em morros, encostas e até mesmo sobre a Baía de Todos os Santos.

A sobrevivência por meio do mar é uma das características marcantes para quem mora no Subúrbio. As atividades comerciais de marisqueiras e pescadores são possíveis pelo motivo do território ser banhado por praias, inclusive faz parte da Baía de Todos os Santos. O comércio informal é o que mantém a economia de muitos trabalhadores e trabalhadoras que moram no Subúrbio. A noção de temporalidade para essas pessoas também é diferente, principalmente pela distância dos grandes centros comerciais.

No Subúrbio ainda conseguimos ver moradores sentados na frente da porta conversando, dinâmicas de intimidades que dificilmente seriam visualizadas no centro. Sabemos em nossas redondezas quem é filho e neto de quem, embora a violência e o genocídio, principalmente dos homens negros, são bastante frequentes no cotidiano, sendo considerada até normal por muitos que se acostumaram com essas violências.

É a partir de um "não se acostumar" com as violências impostas a esse território que analisar as narrativas periféricas eivadas de poeticidade e escrevivência das poetas aqui interlocutoras, torna-se um meio de também visibilizar essas mulheres que habitam o Subúrbio e que de seu cotidiano tiram o sustento e a matéria estética para seguir na lida da vida.

3 "NADA SOBRE NÓS SEM NÓS"

Quando pensei nas *Narrativas das Escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador* já tinha uma certa dimensão das potencialidades que essas mulheres se colocariam nesta pesquisa. Como já citado acima, é um trabalho escrito por várias mãos, embora escreva em primeira pessoa; esta escrita é fruto da máxima "eu sou, porque nós somos", por isso compreendo que todos os percalços e dificuldades enfrentadas na trajetória de escrita se deram justamente por ser um trabalho coletivo.

Aprendi na prática que muitas vezes é necessário mudar a rota do que foi planejado, mas sem perder a essência e o objetivo principal, que neste caso é fazer essas grandes autoras e seus poemas circularem. Outro obstáculo durante o processo de escrita deste trabalho, foi o de compreender que a minha escrita atravessa não só a minha vivência, enquanto mulher negra, poeta, pesquisadora e moradora do Subúrbio, mas as vivências de tantas outras semelhantes.

> Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome.

> Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Sempre me senti fora dos padrões pré-estabelecidos da Academia, de uma escrita muitas vezes inacessível. O meu amor por escrever me levou a uma escrita científica em que nós, sujeitas da pesquisa, tivéssemos nossas escrevivências de mulheres suburbanas como objeto de pesquisa e material analítico. Assim como afirma Anzaldúa (2000), preciso escrever para não apagarem o que eu falo, é essa arte que nos salva dos olhos daqueles que nos subestimam, por isso, é preciso ocupar os lugares onde é dito: “isso aqui não é para nós”.

> Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dançacanto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2007, p. 202).

Diferente do espaço acadêmico tradicional, espaços contra-hegemônicos de difusão de saberes e de compartilhamentos de vivências, que compuseram tanto minha trajetória quanto das escritoras aqui apresentadas, são os saraus. Estes, “são espaços privilegiados de sensibilização estética, de entretenimento e de formação (política, cidadã, humana). Espaços onde a raiva digna se transforma em alegre e combativa rebeldia” (Santana *et al*., 2019, s/p.).

O sarau torna-se, portanto, um ambiente no qual não tem o papel só de recrear, mas que exerce uma atuação política muito forte. Os saraus acontecem, principalmente nas comunidades, com temáticas como racismo, genocídio da população negra, machismo, etc. Saraus são quilombos urbanos em lugares com poucas políticas públicas, onde falta lazer, centros culturais, a escassez transforma-se em arte.

4 PRIMEIROS CONTATOS

Inicialmente entrei em contato com as escritoras ainda durante o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, em 2020. O projeto que se desdobrou nesta pesquisa é um

desejo antigo, antes mesmo de ingressar na universidade. A ideia sempre foi escolher escritoras de diferentes localidades do Subúrbio que, embora vivessem no mesmo território, tivessem perspectivas diversas do modelo de escrita.

É importante salientar que esse trabalho seria a complementação de um documentário, com sete escritoras que falariam das suas trajetórias poéticas e também das suas escritas. Entretanto a pesquisa precisou modificar-se devido às dificuldades de incentivo e financiamento de uma produção audiovisual, deixando a ideia principal para um futuro próximo, mas a concepção da divulgação dos trabalhos permanece aqui através das análises dos poemas das escritoras: Aline Oliveira, de Alto de Coutos, Fabrícia de Jesus e Maiara Cerqueira, de Alto do Cabrito, Morganna Lôbo, de Fazenda Coutos e Udi Santos, de Paripe. Também me coloquei como sujeita de pesquisa, considerando que sou parte desse território, especificamente de Periperi.

5 “ESCREVO PARA DESANUVIAR AS LUTAS DA VIDA”: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como de cunho qualitativo, a partir das análises dos poemas autorais de seis escritoras de diferentes bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador. A coleta dos poemas se deu por meio da escolha das próprias autoras que enviaram três poemas cada. Apenas a escritora Fabrícia de Jesus que enviou dois.

Após os envios, realizei a análise da relação entre as escritoras, suas escrevivências e o território a partir de uma seleção de trechos que sobressaem aspectos marcantes da identidade suburbana como um modo de ser e estar no mundo, obstáculos enfrentados, lida cotidiana, noção de empoderamento e pertencimento.

Os poemas são bastante diversos, mas é possível reconhecer uma identidade suburbana, no sentido de identificar nas linhas das poesias traços do Subúrbio. Como destaca Alencar (2021), falar de nós é essencial para alcançar outras vozes, bem como como bell hooks (2019) afirma que erguer a voz é garantir a possibilidade do nosso não aniquilamento.

Dessa forma, o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, é também uma ferramenta metodológica, que vai além de um modo de escrever/descrever vivências, mas um instrumento de análise e proposição de formas de existência e resistência.

> Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida (Evaristo, 2020, p. 35).

Portanto, a escrita das mulheres negras suburbanas reflete uma transformação significativa, passando de serem meros objetos de representação distorcida e estereotipada nas obras de outros, ou até mesmo invisibilizadas, para se tornarem, metaforicamente, tanto sujeita quanto objeto de sua própria produção literária. Isso envolve uma interseção entre a escrita e diversas experiências de vida, ou, de maneira mais específica, uma "escre(vivência) de dupla face".

6 “CORPO, ESSE POEMA, CORPO”: ANÁLISES POÉTICAS SUBURBANAS

Figura 1 - Escritora Aline Oliveira

Fonte: imagem cedida pela escritora Aline Oliveira.

Aline Oliveira

Aline Oliveira tem 23 anos, é poeta e atriz do bairro Alto de Coutos. O poema “Sou do Subúrbio, e daí!?” retrata, a partir das suas vivências, uma relação de pertencimento ao Subúrbio. Quando a escritora inicia o poema com este questionamento, faz referência a uma pergunta cotidiana de pré-julgamento em relação ao seu território (Santos, 2005). Aline mostra um outro olhar, de quem convive diretamente com os estereótipos de ser uma mulher negra e suburbana. Intercalando um bairro a outro, feito o movimento dos antigos trens, é perceptível o lado afetivo nas linhas de suas poesias:

Que São Tomé me proteja
Ouça a minha oração
E guarde a suburbana
Assim como toda nação.

Nesse trecho do poema a autora brinca com as palavras ao colocar São Tomé, um santo da Igreja Católica, com o bairro São Tomé de Paripe, pedindo proteção não só para si, mas para a Suburbana.

Tenho orgulho das minhas origens
Tenho orgulho de quem eu sou
Orgulho do meu subúrbio
E de toda minha Salvador

Neste trecho percebemos que o orgulho de ser suburbana só aumenta ao decorrer da sua poesia. Enquanto o poema “Sou do Subúrbio e Daí?!” revela o seu orgulho pelo Subúrbio, entre jogos de palavras, metáforas e representações de um Subúrbio que não é visto pelo olhar midiático e de quem é de fora, em “A arte salva” a escritora retrata o poder da arte em sua vida e das pessoas que moram nas comunidades.

O que fortalece
É a poesia
A mais bela magia
Do expressar.

Uma guerra sombria
A desgraça impera
E os meus parceiros
O crime quer levar.

Abre o olho, menor
Isso não compensa
Escrever uns versos
É melhor do que pó.

A poesia funciona como símbolo de resistência e uma ferramenta para a salvar de “uma guerra sombria”, trecho fundamental para o entendimento do poema, principalmente pela falta de oportunidade. “E os meus parceiros, o crime quer levar”, a luta é por uma vida que fuja dos corpos “traçados” para criminalidade. No poema a autora abre os olhos dos jovens e diz “Escrever uns versos, é melhor do que pó” e vai criando possibilidades dessa salvação, que é muito mais coletiva do que individual.

Para cá vocês não olham
Não dão uma esperança
Casaram com o dinheiro
E ainda usam aliança

A escritora faz diversas críticas e denúncias, relatando que o descaso e o esquecimento por parte do poder público são fatores determinantes para colocar esses jovens em caminhos que levam à criminalidade.

Fabrícia de Jesus

Figura 2 - Escritora Fabrícia de Jesus

Fonte: imagem cedida pela escritora Fabrícia de Jesus.

Fabrícia de Jesus tem 42 anos, poeta, educadora social, pesquisadora e idealizadora do Orí Aiê Leituroteca, é do bairro Alto do Cabrito. Sua escrita tem uma forte ligação com o Subúrbio e a espiritualidade, sobretudo a religião do Candomblé, correlacionando características do próprio Subúrbio, ou esse lugar de memória que a escritora traz em seu texto

poético. Exu aparece como norteador fundamental dessas encruzilhadas. Segundo Linconly Pereira (2021, s/p.), professor e babalorixá:

> Encruzilhada é o ponto de encontro, de novas possibilidades que se interligam e podem gerar contribuições potentes para um novo contexto civilizatório. Através de seus caminhos, Exu, o mensageiro, comunica o possível ao impossível, o plano espiritual ao plano físico, abre e fecha caminhos, complica para descomplicar, desorganiza para organizar.

A partir do conceito Encruzilhada podemos dialogar com o poema de Fabrícia, pois possibilita um entendimento do poema como uma possibilidade de acessar esses outros mundos, ou seja, a "Suburbana a boca do mundo". Esse mundo, que ao mesmo tempo perpassa pelo espiritual, também é palpável.

Na melodia dos trilhos silenciados, vibra Exú com seu Òndé no meio do corpo,
Move-se, o moço;
Escuta as reuniões escondidas, enxerga a ganância que corrompem,
O mal está no homem. O mal está no homem!

O poema relata que "o mal está no homem", pois a ganância torna o Subúrbio um lugar de múltiplas violências, atreladas principalmente ao racismo. A figura de Exu e sua característica atrelada à intermediação de acontecimentos e comunicação é expressada como alerta sobre o perigo das transformações do território com o viés da ambição capitalista, geradora de desigualdades.

Encruza, Encruza!
As torres erguidas nas ambições dos capitalistas, cegam as marisqueiras,
e minhas memórias afetivas.
De Paripe até Santa Luzia, vaguejamos perdidos nas ausências dos vagões.
Gente preta retinta, sem cidadania garantida, eis a estação de partida!

Este trecho retrata um Subúrbio que perpassa por tensionalidades e conflitos por conta da especulação imobiliária e impede os próprios moradores de vivenciarem as dinâmicas e o modo de vida aos quais estavam acostumados, dificultando o desenvolvimento de atividades econômicas, como no caso de marisqueiras e pescadores, que passaram por dificuldades com a desativação dos trens do Subúrbio, que custavam 50 centavos e ao deixarem de existir,

causaram grande desestabilidade aos trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria negros e negras.

Em fevereiro de 2021, os trens deixaram de operar após 160 anos de existência para abrir espaço às obras do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), as quais, até o momento, permanecem inativas. A empresa chinesa Skyrail é encarregada da empreitada por meio de uma parceria público-privada com o Governo da Bahia.

Vales, matas, águas,
A suburbana levanta suas armas.
Não, para as privatizações e para a especulação imobiliária,
Nossos orís estão libertos,
Nossas terras são sagradas!

Estratégias de resistência são fundamentais nas lutas que são travadas no dia a dia dos moradores do Subúrbio, na busca por sobrevivência e na defesa de uma identidade própria, a partir do sentimento de pertencimento ao território, às memórias construídas e ao modo de vida suburbano. São corpos que seguem excluídos, mas que permanecem sobreviventes a um sistema que visa lucros e não respeitam vidas.

Maiara Cerqueira

Figura 3 - Escritora Maiara Cerqueira

Fonte: imagem cedida pela escritora Maiara Cerqueira.

Maiara Cerqueira tem 27 anos, escritora, fotógrafa e editora de imagens, é do bairro Alto do Cabrito. Seu poema “Meu peito é Rainha” é um diálogo interpessoal que exprime em suas narrativas suas experiências como sujeita que utiliza da palavra como respostas aos atravessamentos cotidianos.

todas as respostas são minhas
engulo-as com a fome de quem come palavra
um punho cerrado, um símbolo, uma dádiva

É possível perceber que existe um eu lírico que ao mesmo tempo que reconhece sua força, também externaliza toda e qualquer dificuldade em seu caminhar. É um confronto que vem de dentro para fora. O punho cerrado é símbolo de luta e resistência negra, utilizado por ativistas e militantes da causa antirracista em diversos âmbitos da sociedade.

no centro o cheiro, a força
teto aberto, entradas espinhosas
não se atreva!
aos vários murros errados

Os murros errados podem dar brecha a diversas possibilidades, desde pessoas que a escritora encontra no caminho, seja os murros que recebe da vida, aprendizado a partir dos seus erros ou posicionamentos diante aos problemas.

E EU?
bati de frente, mesmo
olha a ferida nessa cara!

O destaque para o “E EU?”, com letras maiúsculas, compreende-se como uma pergunta-afirmação de seu posicionamento e protagonismo na escrita. Enquanto mulher negra suburbana, a escritora também ressalta a necessidade de “bater de frente” com a intersecção de opressões as quais as mulheres negras desse território são diariamente submetidas.

cansei de videogame
quase que num mantra interno
escrevo bem devagar

quem me violenta
não merece satisfação

Em “cansei de videogame”, Maiara abre margem para o entendimento acerca do amadurecimento precoce de meninas-mulheres negras, que não têm tempo a perder com a falta de seriedade, pois estão lidando com o enfrentamento de processos violentos. A escrita de Maiara Cerqueira rege também a lógica do combate ao patriarcado. É perceptível que através de um “mantra” que é “interno”, mas também é extensão do corpo-voz. O escrever aqui é, portanto, construído como carta-resposta. A escritora não dá abertura para opressões que negligenciam sua existência.

Marina Lima

Figura 4 - Escritora Marina Lima

Fonte: a autora.

Eu, Marina Lima, tenho 34 anos, escritora, poeta, pesquisadora, mãe solo de Musoni e bacharela em Humanidades, sou de Periperi. Comecei a escrever aos 16 anos no ensino médio, ainda no Colégio Estadual Almirante Barroso, no Projeto “Jovens Baianos”, que transformava jovens em agentes de desenvolvimento comunitário. Dentro desse projeto percebi a minha ligação com a escrita quando escrevi o meu primeiro poema: “Que país é esse?”, que tinha um viés extremamente político e com uma noção de pertencimento do meu território que eu nem conhecia, como explícito no trecho:

Sou pobre, sou negra
Não sou igual a você

Quando eu quero uma coisa
Eu luto para ter
Não roubo, não suborno
Conquisto meu mundo
Não tenho vergonha de falar
Eu sou do Subúrbio

Após escrever meu primeiro poema me agarrei na possibilidade de poder falar o que eu sentia sem medo, porque a palavra me encobria daquilo que muitas vezes eu não tinha coragem. A poesia me fez ser uma sujeita política antes mesmo de saber o que era de fato política.

Em "Hashtag" destaco as violências geradas pelo abandono do Estado, mas também a descentralização de pensar um território muitas vezes esquecido.

Vivência televisiva, e na quebrada quem que cola?
Rede social, intelectual, vomitam diante das corjas
O corpo preto sempre no chão
Seu compromisso de onde vem?
Não enxerga a molecada
E o Subúrbio nem entra no mapa, né?
Pega todo seu ego, centraliza e leva pra Barra
Rio Vermelho é muito hype
Você sabe onde fica Paripe?
Não colabora, nem faz diferença
É muito like, então diga X

Quando questiono "E na quebrada quem é que cola? Você conhece Paripe?", é justamente para trazer uma discussão de que o Subúrbio é um lugar que merece um olhar mais afetivo, embora todos os estereótipos decorrentes principalmente das grandes mídias.

"Pega todo seu ego centraliza e leva pra Barra" é um exemplo de uma desconstrução desse olhar estrangeiro, de quem não vive a realidade dessas comunidades que são múltiplas e vivas. "Hashtag" é o dedo na ferida quando diz: "O corpo preto sempre no chão, seu compromisso de onde vem?", é um poema interrogativo que faz diversas perguntas ao leitor, sobretudo aquele que vive de *hashtags*, que sobrevive da dor do outro, mas em nenhum momento deixa de ser espectador.

Seu discurso é bem bonito
Dentro de um apartamento
Pseudo branco fornecendo
E os meninos varejistas
“retinto os moleques nem sabem escrever”
Essa conta aqui não fecha
Qual vai ser a próxima vítima
Nessa onda de Hashtags
É curtidas que cês querem?
Amanhã já se esquecem
Protestando no Outback
Com seu café “Fora Temer”
E não me venha com essa falsa liberdade
As nossas dores enraízam em verdades
O seu discurso de extrema vaidade
De opinar aquilo que você não sabe
Não vive
E não sabe.

A crítica central dessa escrita surgiu do incômodo em observar a militância esvaziada de quem se utiliza de *hashtags* para “surfar na onda” de protestos virtuais, enquanto desconhece e não se importa, de fato, com as opressões e tragédias acometidas em territórios negligenciados pelas esferas de poder, como o Subúrbio. Quando exemplifico “não vive e não sabe” é para descortinar a ideia de um Subúrbio que, embora não faça parte da realidade de muitos, ele existe e tem suas próprias especificidades, e que é necessária uma discussão menos distanciada, a partir das invenções do imaginário de quem mais uma vez não conhece essas realidades.

No poema “Preta” me reconheço e retrato um cenário também vivenciado por mim, como o da solidão da mulher negra, trazendo a raça como elemento fundamental da comparação entre mulheres negras e brancas.

Preta feito a noite
as estrelas te “alumia”
ancestralidade: vem
melanina? tem também!
mas cês preferem as branquinhas
que são doce e bondosa

as pretinhas cês viram a cara
reputação de maldosa
maloqueira e mal amada
e com fama de fogosa

O trecho “mas cê prefere as branquinhas que são doce e bondosa” pretende questionar o enaltecimento de mulheres brancas em detrimento do preterimento das mulheres negras, já que aquelas são colocadas muitas vezes no lugar de superioridade em relação a estas. Mulheres brancas tendem a ser vistas sob o olhar de pureza, enquanto “as pretinhas cês viram a cara, reputação de maldosa, maloqueira e mal-amada e com fama de fogosa”. Contrapondo esse olhar celestial e acolhedor, tem-se a desvalorização das mulheres negras.

A partir desse pensamento, observo que nós mulheres negras ainda enfrentamos um apagamento histórico e social, ainda somos vistas como raivosas em uma sociedade que nos desumaniza o tempo todo.

Em seu discurso “Eu não sou uma mulher?” Sojourner Truth fez um questionamento pertinente, já que nunca foi vista como uma mulher, sempre colocada no lugar de desumanização e subserviência por todos. Impôs sua voz em um evento que pautava os direitos das mulheres, mas que mulheres?

> Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? (Truth, *s.d apud* Pinho (tradutor), 2014, s/p.).

Na segunda parte do poema “Preta” ressalto ainda mais sobre a solidão da mulher negra: “Minha vó, preta, filha de uma mulher preta, nunca soube o que era amor”, pois cresceu vendo a sobrecarga das mulheres negras da família, que sempre fizeram o papel de cuidadoras e provedoras do sustento; “Morreu com fome de tudo”, uma fome metafórica, de quem nunca teve a oportunidade de alimentar-se de um amor de fato e “carregando no ombro o peso de ser retinta, filha da mãe, filha da puta e preta”, pois assim como citado acima, a sobrecarga da vida e de carregar o mundo nos ombros, além de ser uma mulher retinta, a fez não vivenciar o amor, não foi escolhida. E não somos nós mulheres negras, mulheres?

Morganna Lôbo

Figura 5 - Escritora Morganna Lôbo

Fonte: imagem cedida pela escritora Morganna Lôbo.

Morganna Lôbo tem 24 anos, professora de artes, escritora, poeta, atriz de teatro e das Letras, cresceu na periferia de Paripe/Fazenda Coutos. Em seu poema “Devaneio de você” a escritora transforma algo considerado banal, como o ato de pegar um ônibus, em cenas cotidianas com relatos descritivos.

O cheiro intoxicante das pessoas no ônibus
As trovoadas que aumentavam o barulho da cidade
O relógio, apitando, mostrando o atraso
Nada foi por mim notado

A poeticidade na escrita, revela uma escritora atenta ao modo de vida do Suburbano, mas também um olhar para um amor que pode ser platônico ou um eu-lírico imaginável. O poema segue uma linha de roteirização, as imagens são vivas e visíveis.

Na minha mente, ela sorria
Com sua bermuda branca, camisa vermelha
Sapatos sujos, cabelos soltos e lábios rosados
Ela me pertencia

Aos poucos o leitor vai decifrando que mulher é essa que a escritora quer trazer para jogo, e a ideia do que real ou não. A movimentação do vai e vem do ônibus é a movimentação do poema em desvendar e revelar suas informações. No trecho abaixo e na construção é possível perceber que a chuva e o trovão sempre aparecem como elementos de clímax, é como se fosse a quebra de um momento romântico para o que está por vir.

Mexia nos seus cabelos enquanto você estudava
Porém, o barulho das trovoadas
Faz começar a chover na minha mente
O tempo fechou

Tentei te beijar, você juntou os lábios
Tentei te tocar, você se afastou
E eis que começava a desfazer
Minha miragem de você

O tempo fechou é metafórico, porque em todos os sinais de mudanças ela utiliza-se desses elementos, seja da chuva ou trovão. O poema acontece sempre no verbo tentar, e sua mulher-projeção parece um ser inalcançável. Nesse sentido, a escrita de Morganna Lôbo demonstra que existem outros jeitos de escrever, pois sua escrita é mais voltada ao campo da afetividade, demonstrando que ser pertencente ao território do Subúrbio não homogeneíza as narrativas poéticas suburbanas, tampouco limita suas escrevivências a processos de violências e opressões.

Udi Santos

Figura 6 - Escritora Udi Santos

Fonte: imagem cedida pela escritora Udi Santos.

Udi Santos tem 31 anos, artista e empresária, rapper, cantora e compositora, é de Tubarão, sub-bairro de Paripe. Sua escrita poética inicialmente chama atenção pelo uso de letras maiúsculas, logo penso na possibilidade de ser um grito perante os obstáculos que aparecerem em seu caminho.

EU SEI O QUE FAÇO
NÃO CRUZO OS BRAÇOS
VOU LOGO E FAÇO
SEI ONDE QUERO CHEGAR
ONDE EU VOU CHEGAR

Para uma mulher negra e suburbana, que é desacreditada a todo momento, cruzar os braços não é uma alternativa a ser seguida. Udi com suas escritas, e com sua trajetória como rapper, sempre soube aonde quer chegar. A escrita de Udi Santos traz um grande incentivo, sobretudo para jovens do Subúrbio.

VITÓRIAS SÃO PRA CONQUISTAR
AS MINHAS EU VOU CONQUISTAR
PRETA FODA
SOU FLOW EM SPEED E SLOW

FAÇO SIM O MEU DIM
QUEM SUBESTIMOU

Em “FAÇO SIM O MEU DIM”, a escritora aponta que ainda existe um pensamento de que pessoas negras não são dignas de conquistar seu próprio dinheiro, ainda mais se não tiverem um papel de subalternidade. É possível perceber que também é uma escrita de encorajamento e que as críticas em relação ao seu trabalho se dão por ser uma narrativa que contrapõem os padrões brancocêntricos, o que gera forte incômodo.

DAQUI DE CIMA NÃO CONSIGO TE ESCUTAR,
CÊ FALA TANTO QUE ESQUECEU DE CAMINHAR

O quê e quem a escritora não escuta? É necessária uma análise que vai além da letra, mas é refletir toda uma estrutura em que se interseccionam questões de raça, classe e gênero. A partir de um enredo pautado no empoderamento feminino negro, Udi Santos busca potencializar outras meninas-mulheres negras suburbanas em suas trajetórias de re(existência). Em outra escrita poética, intitulada “AGÔ”, também transmitida com sua musicalidade através do rap, Udi Santos pontua a necessidade de reconhecer o passado para continuar o presente, sem esquecer de onde veio.

COLHENDO DO SOLO DE QUEM VEIO ANTES DE MIM
EU VOU ARANDO O SOLO PRAS MENÓ QUE TÃO POR VIM

É importante frisar que em suas letras, a escritora trabalha com a aceitação, principalmente das meninas negras, como neste trecho também retirado de “AGÔ”:

FALA PRA TUA FILHA
QUE ELA É LINDA PRETA SIM
AJEITA ESSA COROA
SEU REINADO É AQUI

O empoderamento dessas crianças não é somente sobre a aceitação dos seus corpos, mas a exaltação das suas potencialidades. “PRETA EMPODERADA, INTELIGENTE, TEM QUE

ACEITAR" é mais que um verso de poema, é uma letra em forma de resistência para que essas crianças cresçam confiantes da sua força e de quem são.

7 "FORMIGANDO PENSAMENTOS, MATERIALIZO O QUE FOI ESCRITO": PANORAMA TEÓRICO DA PESQUISA

Analisar narrativas poéticas e periféricas urge a compreensão do papel da narradora presente na escrita. Como concebido por Evaristo (2007), a escrevivência como ferramenta de produção de uma escrita coletiva, transforma a narrativa de quem narra sua própria vivência, em algo comum ao grupo social que se entenda pertencente à mesma identidade descrita.

Ao conceber o papel de um narrador, Benjamin (1987), afirma que "a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores", ou seja, a experiência do leitor se sentir parte da história, é fundamental para construção da narrativa.

A função do narrador também perpassa pelo senso prático, segundo Benjamin (1987), essa função se revela por meio da prática e da utilização do que narra e de quem narra, seja por "conselho, sugestão, provérbio ou norma de vida". O narrador não é uma figura distanciada, mas suas raízes vêm do povo, ele consegue passear desde o campo, urbano e marítimo, as experiências que são múltiplas para todos nós.

> Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer a um acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador: em Leskov como em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (Benjamin, 1987, p. 221).

Diante disso, o narrador acaba sendo um "ser" profético, porque ele atravessa o sentido literal da palavra, ele verbaliza, dá luz, aconselha e ao mesmo tempo que narra, não é individual, mas é coletivo, é aquele que se faz presente, citando Pascal: "Ninguém é tão pobre que não deixe alguma atrás de si. O narrador deixa memórias".

Para ancorar a compreensão da escrita das mulheres suburbanas é necessário pensar sobre o conceito de literatura periférica. Segundo Bergamin (2022), a literatura periférica surge como uma expressão autêntica e representativa de experiências próprias. Essa forma de escrita

é intrínseca, nascendo de dentro da própria comunidade, proporcionando um olhar genuíno e interno sobre a realidade. É um esforço para levar narrativas, poesias, peças teatrais e declamações a lugares onde raramente há estímulo para tais manifestações, e também para exportar essas expressões para outros ambientes, demonstrando sua existência e vitalidade. A literatura periférica trata do cotidiano, das vivências e ausências, da violência, do amor, da desigualdade e dos sonhos. É um meio de dar voz às pessoas e emergir a partir delas mesmas, além de ser uma reivindicação de espaços culturais.

Ainda conforme Bergamin (2022), a literatura periférica, em determinado período, foi denominada de “marginal”, devido à sua produção por indivíduos das periferias urbanas, à margem dos centros urbanos, especialmente durante a era da geração mimeógrafo na década de 1970, quando estudantes universitários e intelectuais distribuíam poesias fora do circuito editorial tradicional. Atualmente, o termo "periférica" é mais abrangente e refere-se à produção cultural realizada dentro e para as próprias periferias, sendo oficializado em 2005 com a publicação de "Vão", livro de Allan da Rosa (Vieira, 2011).

Segundo Oliveira (2017), Carolina Maria de Jesus é uma figura crucial no início da Literatura Periférica com seu livro "Quarto de Despejo" (1960), abrindo espaço para o surgimento de outras narrativas periféricas e provocando debates sobre o papel da literatura, quem tem o direito de escrever e como essas produções devem alcançar o público.

Para Victorino (2014), com crescente conscientização e luta pelo rompimento do patriarcado, a partir de levantes feministas dos últimos séculos, as mulheres tiveram que reinventar-se saindo de um papel de subalternidades sobreposto para criar novas estratégias de sobrevivência, sobretudo mulheres negras. Nesse sentido, nas vivências periféricas, os saraus surgem como espaços de aquilombamento, ainda que em cenário urbanizado, tendo em vista que Nascimento (2019) compreende o conceito de Quilombismo como toda prática, tecnologia e estratégia de resistência negra nos mais variados espaços.

Conforme Nina Rizzi (2020, s/p.),

> A presença de mulheres negras nesses espaços vem gerando uma significativa transformação no cenário negro ativista. Suas lutas coletivas para melhorias de toda comunidade negra, o enfrentamento nas lutas antirracistas e sua caminhada para a superação da opressão de classe e de gênero vêm sendo uma espécie de ímã que se aproxima e move cada vez mais outras mulheres para o protagonismo. seja na poesia como em outro campo na arte na vida.

O ativismo feminino negro e periférico através da escrita poética como prática de resistência, também pode ser entendido através do conceito de letramento de reexistência

(Souza, 2011), pois ao escreverem de forma livre, sem preocupação com as normas padrões da língua formal, e descreverem temas que atravessam seus cotidianos enquanto pertencentes a um mesmo território, as poetas suburbanas desenvolvem outras dinâmicas de compartilhamento de saberes e experiências.

> Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em algum lugar da crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em uma complexa rede de relações sociais, na qual, por meio de discursos, negociam-se a ocupação e sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais (Souza, 2011, p.17)

Os letramentos de reexistência através da escrita poética podem, portanto, surgirem de diversas práticas que, associadas a diferentes contextos, abrangem tanto o uso socialmente reconhecido quanto o uso não reconhecido socialmente da linguagem, seja ela verbal ou corporal. Essas práticas estão relacionadas às intenções e objetivos compartilhados, e, acima de tudo, são constantemente reinventadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das narrativas poéticas das escritoras aqui apresentadas e pertencentes ao Subúrbio Ferroviário de Salvador, podemos perceber que há variados modos de escrita. Escrever não se encaixa em uma fórmula única, existem especificidades que são percebidas ao decorrer de cada poema, mas a noção de pertencimento e identidade é forte em todas as escritoras, a compatibilidade de quem sabe do lugar de onde vem.

Estas mulheres, que são sujeitas das suas narrativas, não invalidam as questões sociais, mas fazem das suas escrevivências um elemento político coletivo. Entre as dores e as afetividades que essas escritoras tornam-se fundamentais para re(existência) de todas nós.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira. “A escritura a escrevivência a invenção a poema”: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 60, v. 3, 2021.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, n. 8, p. 229-236, 2000.

BENJAMIM, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: **Magia e Técnica, Arte e Política** - Ensaios sobre Literatura e História da Cultura- Obras Escolhidas - v. 1, ed. 3. São Paulo: Editora XYZ, 1987.

EVARISTO, Conceição. "Uma escre(vivência) de dupla face". *In*: **Literatura Negra.** Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: Duarte, C.; Nunes, I. (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

hooks, bell. **Erguer a voz:** pensar como uma feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider:** Ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Revista Letras**, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2176148511881. Acesso em: 27 dez. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: Documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Editora perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

OLIVEIRA, Cleber José de. Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação. **ArReDia**, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43 - 57, jun. 2017

RIZZI, Nina. A poema, caminho para alcançar a própria voz e tantas outras. **Revista Suplemento Pernambuco**, nov. 2020.

PEREIRA, Linconly. Encruzilhadas epistêmicas: a estruturação dos princípios filosóficos dinamizadores presentes nos terreiros. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, p. 12-22, 2021.

SANTANA, Jamile *et. al*. Salvador > saraus: quilombismos. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia (Org.). **Literatura e Periferias.** Porto Alegre: Zouk Editora, p. 217-238, 2019.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **OSAL:** Observatório Social de América Latina, v. 6, n. 16, Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SOARES, Antônio Mateus. Habitação Popular em Salvador-BA no Final do Século XX: Arquitetura e Insustentabilidade Social do Projeto. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 23, n. 32, p. 115-135, 2016. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/15704. Acesso em: 27 dez. 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TRUTH, Sojourner. "E não sou uma mulher": Sojourner Truth. *In*: Geledés, PINHO, Osmundo (Tradução), 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/. Acesso em: 10 jan. 2024.

VICTORINO, Shirlei Campos. Escrevivências: notas sobre a poesia negra-brasileira em voz feminina. *In*: **Anais do II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades**, n. 2, 2014.

VIEIRA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados:** A literatura marginal/periférica na Literatura Brasileira Contemporânea. 2011. 93f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WAHEED, Nayyirah. **Salt**. Createspace Independent Publishing Platform, 2013.